

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum

Opereta

Grande Auditório

Domingo, 17h00

Terça, 10h30

M/12

90 min.

Sessões com audiodescrição

Traduções em Língua

Gestual Portuguesa

12 e 14 nov
2023

A woman with long dark hair, wearing a traditional Portuguese folk costume consisting of a white blouse with blue embroidery, a red vest, a green headscarf, and a long, striped skirt with a checkered border, sits in a barn. She is holding a small white piglet in her lap. To her left, a lamb is visible. The background is filled with hay and wooden structures.

Maria da Fonte
Opereta de
Augusto Machado

Libreto e encenação

Ricardo Neves-Neves

Direção musical

João Paulo Santos

CCB

Maria da Fonte

Opereta de

Augusto Machado (1845-1924)

Direção do Laboratório de Ópera Portuguesa

Jenny Silvestre

Direção de estudos musicológicos

Luísa Cymbron (CESEM-FCSH)

Direção musical e edição de partituras

João Paulo Santos

Encenação e libreto moderno

Ricardo Neves-Neves

Libreto das partes cantadas

Gervásio Lobato / Jaime Batalha Reis

Eça Leal

SOLISTAS

Maria da Fonte **Cátia Moreso**

Abade Cortições **Luís Rodrigues**

Ludovino **Marco Alves dos Santos**

Joana **Eduarda Melo**

Perpétua **Inês Simões**

Onofre **André Henriques**

Vilar **Tiago Matos**

Aniceto **João Merino**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

**Coro do Teatro Nacional
de São Carlos**

ATORES

Chefe do Exército Real **António Ignês**

Domingas **Juliana Campos**

Lemúria **Rita Carolina Silva**

Ninfas do Minho / Exército Real

Afonso Abreu / Afonso Lourenço

Guilherme Arabolaza / Miguel Cruz

Ricardo Morgado / Ruben Teixeira

Rui Miguel / Tiago Estremores

Assistente de direção musical

Joaquim Ribeiro

Correpidores

Joana David / Nuno Margarido Lopes

Direção de cena

Patrícia Costa

Assistente de direção de cena

Catarina Silva

Figurinos

Rafaela Mapril

Assistência de figurinos

Margarida da Silva

Confeção

Ana Baltar / Ana Santos / Inês Oliveira

OPART-TNSC Ana Paula Simaria

Célia Libanio / Diogo Santos

Márcia Val / Miyamoto

Guarda-roupa

OPART-TNSC Anabela Vicente

Patrícia Abreu

Adeições

Lea Managil / Rui Gueifão

OPART-TNSC Nuno Barracas

Cenário

Ricardo Neves-Neves

com consultoria técnica de **Cristina Piedade**

e Ilustrações de **José Cruz**

Desenho de luz

Cristina Piedade

Assistente de desenho de luz

Pedro Gonçalves

Sonoplastia

Sérgio Delgado

Desenho de som

Frederico Pereira

Movimento e coreografia

Joana Mestre

Coreografia de combates

Tiago da Cruz

Maquilhagem e caracterização

Marco Santos

Assistentes de maquilhagem e caracterização

Catarina Félix / Carolina Gonçalves

Bruno Saavedra / Dennis Correia

Fotografia cartaz e spot

Pedro Macedo – Framed Films

Assistentes de encenação

António Ignês / Juliana Campos

Rita Carolina Silva

Segunda assistente e apoio de bastidores

Vera Gonçalves

Produção TdE

Carolina Varela / Eliana Lima

Direção técnica

OPART-TNSC Joana Camacho

Miguel Mendes

Setor de maquinaria

OPART-TNSC João Paulo Araújo

Felipe Loch / Fernando Correia

Setor de contra-regra

João Lopes / Herlander Valente

Produção OPART-TNSC

Mafalda Gouveia / Luís Marreiros

Marta Silva

Difusão

José Leite

Produção CCB

Patrícia Silva

Comunicação e assessoria de imprensa TdE

Mafalda Simões

Comunicação e assessoria de imprensa APARM

Ana Abrantes / Marina Sobral / Filipe Pinho

Comunicação OPART/TNSC

Raquel Maló / André Quedera

Margarida Macedo de Sousa / Maria Salgado

Coordenação de comunicação CCB

Sofia Mântua

Assessoria de imprensa CCB

Sofia Cardim

Produção editorial e revisão CCB

João Moço

Direção do coro e orquestra

Margarida Clode / Celeste Patarra

João Carlos Andrade / Jerónimo Fonseca

Diana Gonçalves / Maria Beatriz Loureiro

Nuno Guimarães / Isabel Pina / Sandra Correia

Projeto educativo

Jenny Silvestre / Sara Castro

Ana Prouença / Helena Carvalho Pereira

Coprodução

APARM – Academia Portuguesa de Artes

Musicais / Centro Cultural de Belém

OPART/Teatro Nacional de São Carlos

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Égide – Associação Portuguesa das Artes

Teatro do Eléctrico

Mecenas do Laboratório de Ópera Portuguesa

Ouro Pereira LDA / Cândido Vieira LDA

Casa do Monte da Veiga / Azalencantada,

Materiais de Construção / Óptica 1

de Álvaro Oliveira LDA / Foco Criativo

Unipessoal / Hotel Rural Maria da Fonte

Superpóvoa Supermercados SA / Baptista

e Soares SA / DAEL Indústria Metalúrgica

LDA / Portugal Jewels / Granitos Sanfões LDA

Gervasio Oliveira Transportes LDA

Vieira Pocargil SA / Jolec – Comércio

de Material Eléctrico, Unipessoal / Oficina

do Ouro / CyBercafé / Socipovo / Percurso

Sagrado LDA / Inês Barbosa LDA / Deifil Green

Biotechnology / Aurélio Monteiro LDA

Prozis.com SA / António Martins

Áudio descrição

Anaísa Raquel / Sofia Afonso

Tradução em língua gestual portuguesa

Sandra Faria

Agradecimentos

Companhia de Teatro de Almada

Fernando Gomes / Paulo Freitas / Quinta

Pedagógica dos Olivais / Adega Belém

Urban Winery



PROMOTORES



COPRODUÇÃO



PARCEIROS ESTRATÉGICOS



APOIOS



PARCEIROS CIENTÍFICOS



PARCEIROS DO PROJETO EDUCATIVO



MARIA DA FONTE

Depois de um início auspicioso em 2022, o Laboratório de Ópera Portuguesa (LOP) lançou-se na concretização plena da vocação que esteve na base da sua criação: a utilização do fenómeno operático como pretexto para a aproximação do cidadão comum à sua herança histórica, promovendo a inclusão e a coesão territorial.

Assim, nesta segunda edição, resgatamos da poeira do tempo uma opereta escrita pelo compositor Augusto Machado, estreada no Teatro da Trindade em 1879, *Maria da Fonte*.

Trata-se de uma obra cujos manuscritos se encontram depositados na Biblioteca Nacional de Portugal, mas da qual se perdeu o libreto, da autoria partilhada de Batalha Reis (1847-1935), Gervásio Lobato (1850-1895) e João Francisco de Eça Leal (1848-1914).

Este facto que, à partida, poderia constituir um obstáculo, revelou-se, no contexto dos objetivos do LOP, uma oportunidade: a de poder encomendar um libreto moderno e atual a partir dos textos constantes das fontes musicais.

Desta forma, contando com a segurança e longa experiência do maestro João Paulo Santos no tratamento de materiais dramáticos musicais históricos, lançámos o desafio ao talentoso encenador e dramaturgo Ricardo Neves-Neves para nos escrever um novo libreto, inspirado na música inclusa nos manuscritos e em consonância com o enredo dramático que resulta dos mesmos.

Que melhor forma de combater o preconceito comum em relação à ópera do que apresentar um espetáculo em português, sobre uma heroína nacional e com uma linguagem atual, plena da inteligência satírica a que Neves-Neves nos tem vindo a habituar nas suas produções e que, de resto, comprovou no título inaugural do LOP, com a original encenação da comédia vicentina *As Cortes de Júpiter*?

E o trabalho começou. Sempre com o aconchego do acompanhamento historicamente informado que a parceria permanente com o Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da Universidade NOVA de Lisboa (CESEM) confere ao trabalho do LOP. Sempre com um foco bem delineado nos objetivos a atingir.

A temática dificilmente poderia ser mais estimulante.

Falar na Maria da Fonte é evocar um dos fenómenos mais importantes da alvorada do Constitucionalismo em Portugal. Mas não só. Trata-se da primeira e única revolta no feminino da nossa História, uma revolta da mulher minhota, uma revolta local cujo aproveitamento político a catapultou muito rapidamente para uma dimensão nacional que ainda hoje perdura no imaginário coletivo.

Maria da Fonte é uma e muitas mulheres, dando-nos a oportunidade de convidar a refletir sobre a multifuncionalidade do papel da mulher portuguesa, no passado e hoje, quando tanto há ainda por fazer no domínio das questões de género e da igualdade.

Maria da Fonte convida-nos a visitar a Região do Minho, na senda do caminho de coesão territorial que o LOP se propõe construir de título para título.

Assim fizemos, rumando a norte com destino a Póvoa de Lanhoso, a terra da revolta que, remontando a 1846, ainda se encontra tão viva nas suas gentes, em cada esquina, impondo-se orgulhosamente como uma memória que, ao invés de se perder, encontra caminhos de renovação, de empreendedorismo, de internacionalização.

Jenny Silvestre

LIBRETO

PARTES CANTADAS

Gervásio Lobato
Jaime Batalha Reis
Eça Leal

PARTES DECLAMADAS

Ricardo Neves-Neves

PERSONAGENS

Joana
Maria
Perpétua
Ludovino
Cortições
Onofre
Vilar
Acineto
Domingas
Chefe do Exército Real
Segismundo
Coro (Povo; Mulheres)

CENA 1

CORO

CORO

**Vamos lá p'ra a romaria,
Que este dia
Consagrado é ao prazer.**

**Ao trabalho e às fadigas
Fazer figas!**

É cantar, dançar, beber!

HOMEM 1 E HOMEM 2

Maria, vai um pezinho de dança?

(Maria não responde.

Olham um para o outro)

Eu perguntei primeiro.

Não, eu perguntei primeiro.

*(Os homens lutam. Maria afasta-se
enfasiada. Começam os rumores
na aldeia, que saltitam em segredo.)*

MULHER 1

A Maria recusou um pezinho de dança.

MULHER 2

A Maria aceitou um pezinho de dança.

MULHER 3

**A Maria aceitou um pezinho de dança
com os dois ao mesmo tempo.**

HOMEM 3

Com os dois pés?

MULHER 3

Não, com os dois mancebos.

HOMEM 3

**A Maria anda metida com dois
mancebos. Parece que são espanhóis.**

MULHER 4

**A Maria vai para Sevilha com um
amante de camisa aberta.**

HOMEM 4

**A Maria vai fugir, porque está tão
grávida que não há roupa que lhe sirva.**

MULHER 5

**A Maria está grávida de gémeos
e não sabe quem é o pai.**

HOMEM 5

Nem a mãe.

MULHER 6

**Ludovino, põe-te a pau que parece
que a Maria arranjou outro.**

LUDOVINO

O quê? A Maria tem outro?

**A Maria entregou-se nos braços
de outro homem, quebrando
assim a nossa promessa de fidelidade
e castidade? Traição! Joana!**

*(Joana está nos braços
de outro homem.)*

Vamos dançar?

JOANA

Não me faça rogada.

(Corre para Ludovino.)

HOMEM 6

**O Ludovino convidou a Joana
para dançar.**

MULHER 7

O Ludovino e a Joana vão casar.

LUDOVINO

E para quando fica o nosso casamento?

HOMEM 7

E não é que vão mesmo?

JOANA

**Ludovino, tens de pedir a minha mão
em casamento ao Abade Cortições,
que é como se fosse meu pai.**

MULHER 8

**Parece que o Cortições já aprovou
o casamento.**

LUDOVINO

**Falo com ele amanhã de manhã,
está decidido!... (Aparte.)**

Adeus Maria!

CORO

Viva os noivos!

DUETINO

JOANA

É que por variadíssimos motivos
Terei orgulho em ser tua mulher.
Tu és a sorte grande cá da aldeia.
Tens tudo quanto uma mulher requer.

LUDOVINO

Mais do que tens também ninguém deseja.
És muito séria, honesta e verdadeira
E o que faria com que eu te leve à igreja
É não julgar que és namoradeira.

JOANA *(Aparte.)*

Ai, se julgasse ele acertava, olé!
Porém não julga e não me passa o pé.

LUDOVINO *(Aparte.)*

Se ela soubesse que em Maria eu penso
E que esse amor estou certo
que não venço...

JOANA *(Aparte.)*

Não devo andar correndo seca e meca
Que eu tenho este cá!

LUDOVINO *(Aparte.)*

Mas à Maria chamam-lhe perdida!
Não sei que voltas dê à minha vida.

JUNTOS

JOANA

Então só nos resta
Tratar de casar
Amanhã na festa
Já deve constar.
Casório de arromba
Dará que falar.
Vai ser uma bomba
Na aldeia a estalar,
Dará que falar.

LUDOVINO

Seria uma festa
Tratar de casar!
Mas bato na testa
E fico a pensar:
Casório de arromba
Convém demorar.

Seria uma bomba
Na aldeia a estalar.

JOANA

Ludovino, meu amor primeiro
Já te dei o coração inteiro.
Com franqueza nunca amei assim
A não ser...

LUDOVINO

Quem?!

JOANA

Quero dizer...
A não ser o Ludovino
(Aparte) enfim...

LUDOVINO

Também eu, ó Joanhina,
Nunca amei ninguém assim
A não ser...

JOANA

Quem?!

LUDOVINO

A não ser a ti
(Aparte.) enfim...

JOANA

Aceita esta verdade
A ninguém eu dei a liberdade
De na face um beijo me gravar
A não ser...

LUDOVINO

A quem?!

JOANA

Quero dizer a não ser a ti...
ao escapar.

JUNTOS

JOANA

Então só nos resta
Tratar de casar
Amanhã na festa
Já deve constar.
Casório de arromba
Dará que falar.
Vai ser uma bomba
Na aldeia a estalar!

LUDOVINO

Seria uma festa
Tratar de casar!
Mas bato na testa
E fico a pensar:
Casório de arromba
Convém demorar
Seria uma bomba
Na aldeia a estalar!
(Ludovino sai.)

CENA 2

CANÇÃO

DOMINGAS

Ó Joana e tu estás pronta
para assentar?

JOANA

Claro! Quando entrar na quinta
do Ludovino, com a garagem cheia
de cavalos de Fórmula 1 e me sentar
àquela mesa de mogno, comprida
e cheia de castiçais de prata com velas
por estrear, não me vou lembrar
dos olhos azuis do Martinho.
Nem do Chico e dos seus bíceps
de lutador. Nem do António
e os seus quase dois metros de altura.
Nem do matulão do Simão, do João,
do Miguel, do João Miguel, do Fernando,
do Pedro Mouco, dos irmãos Lobato,
da Cátia ou do Joaquim de Vila d'Anha.
Vou dedicar-me ao Ludovino
e ser-lhe para sempre fiel.

JOANA

Ai minha mãe que me morro
Que me morro de paixão!
Os olhos de D. Martinho
Mi madre matar-me-ão.
O corpo tiene de hombre,
Os olhos de mulher são.

Tenho um namorado
Com olhos azuis
Que é cá dos rapazes
Gentis e tafuis,

E os olhos do Chico
Que pretos que são!
Carvões que me fazem
Arder em paixão.

D. Martinho de avisado
Cadeira mandou chegar
E pôs-lhe o capote em cima
Para mais alto ficar.

O António é alto
Esbelto, gentil
De bago é que é falto!
Assim há aos mil!

Não é deste lote
Um outro que eu sei,
Moreno e baixote,
A quem desfrutei.

CENA 3

*(Vilar e Onofre estão a beber
ao balcão da taberna de Aniceto.
Entra Perpétua.)*

PERPÉTUA

Salvé! Sr. Aniceto, avie-me vinho
para a missa, se me fizer o obséquio.

ANICETO

Sim, Perpétua.

PERPÉTUA

Perpétua?

ANICETO

Sim, D. Perpétua.

PERPÉTUA

Pois claro, que não sou menos
que a rainha. *(Para o céu.)*
Ainda bem que já morreste,
meu Segismundo, para não teres
o desgosto de veres a tua viúva,
a viúva de um homem que regou
a árvore da liberdade com o seu
sangue, ser enxovalhada desta maneira
e numa taberna que nunca passaria
nas leis da moral, da decência
e da ASAE.

(Aniceto coloca um pacote de vinho em cima do balcão.)

PERPÉTUA
Isto quanto é?

ANICETO
Litro e meio.

PERPÉTUA
Litro e meio? Não vê que é para a missa dos meninos órfãos de pai e mãe? Reforça-se a dosagem, que sempre levam algum sustento, pobrezinhos.

ANICETO
O tinto já acabou, D. Perpétua.

PERPÉTUA
Traga então do verde.
Frisante, se o tiver.

ANICETO
Amendoins ou tremoços?

PERPÉTUA
Hóstias. Dois pacotes industriais.

ANICETO
O vinho é fresco ou natural?

PERPÉTUA
Natural, que os gaiatos ainda se constipam e depois não querem trabalhar.

ANICETO
Embrulho em papel de jornal?

PERPÉTUA
Por mim, não faça cerimónia.
Para quem é...

ANICETO
D. Perpétua, só se for cerimónia nupcial.

PERPÉTUA
Se for para o ver no altar, que seja dentro de um caixão.

ANICETO
Perpetuamente fria e impiedosa.

PERPÉTUA
Não pense que me leva com encómios.

ANICETO
E eu comi-os.

PERPÉTUA
Deixe-se de trocadilhos, que isso é pecado. Ai Segismundo, se fosses vivo, coitadinho...

ANICETO
É o Abade Cortições que chega?

PERPÉTUA
Já lhe ouço a batina a dar a dar.

COPLAS DO BREVIÁRIO

CORTIÇÕES
*Qui tollis peccata mundi
Dicebat* Santo Hilário.

PERPÉTUA E ANICETO
Oh, que devoção me infunde
O seu santo breviário.

CORTIÇÕES
*In illo tempore
Ser padecente,
Sofrer somente,
Era bem bom, bem bom.
Que gente aquela!
Amar a morte
Era o seu forte.
Kyrie eleison.*

*In illo tempore
Nutrir as feras
Era de veras
Prazer até.
Diremos hoje
Prazer atroz.
Libera nos
E Domine.*

Os homens santos
Eram assados,
Fritos, torrados
Como café, olé!
Hoje ao calor
Ninguém se atreve,
Toma-se neve
E capilé
E Domine.

Se procuramos
Na Capadócia
Ou na Beócia Santos achamos.
Mas em Lisboa,
Mesmo em Cacilhas,
Com maravilhas
Não deparamos.
*Gratias agamus.
(Montam a mesa do jogo de cartas.)*

ONOFRE
O Sr. Abade hoje vai levar uma abada.

PERPÉTUA
Que bonito trocadilho,
pensa que está nos 100 anos
do Parque Mayer?

ONOFRE
Cada um dá o que tem.

DOMINGAS
Boa tarde, Sr. Aniceto.

ONOFRE
E a mim não cumprimenta, menina
Domingas?

DOMINGAS
Oi.
*(Onofre derrete-se. Domingas
põe uma moeda na Jukebox.
A música começa e Domingas dança.)*

ONOFRE
Já ganhei o dia. Aniceto,
sai um calcinho de vinho de Amarante
para mim e outro para a menina
Domingas.

DOMINGAS
Não bebo. Mas se me quiser meter
aqui uma moeda, aceito.
(Onofre junta-se a Domingas.)

COPLAS ONOFRE

ONOFRE
A Domingas tem encantos.
E as más-línguas dizem dela
Cousas tristes, impossíveis.

Eu desprezo os maldizentes
E em contestações não entro.
Que me importa que se diga
Que ela mete os pés pra dentro!
E embora os tenha assim
Pra mim é um quindim!

Que ela tem os olhos tortos.
(E ela é vesga com efeito!)
Há, porém, ocasiões
Que pra mim olha direito.
E vesga ser assim
Não passa de um quindim!

Diz a-a-a-mar-te desta arte
E não é de voz à mingua.
É que p'ra dizer amor
Inda não lhe chega a língua!
E ser gaga, quanto a mim,
Não passa de um quindim!

Três estrelas tem na testa.
Mas insistem os vizinhos
Em dizer que estes três astros
São três enormes lobinhos.
Ter lobos, cá para mim,
Não passa de um quindim!

CORTIÇÕES E VILAR
Aniceto, para mim um «Martinim».
Olha, já não morremos hoje.
Mas para mim, sem azeitonas.
(Entreolham-se.)
Meta antes uma ginja.
E duas raspas de limão.
(Cortições e Vilar faiscam.)

PERPÉTUA
Ai credo, estão cá com uma sintonia.
Até parece combinado.

Cortições e Vilar
Meia pedrinha de gelo.

ANICETO
É o que acontece quando as almas
são muito gémeas. Quer ver?

PERPÉTUA E ANICETO
Quero ver o quê? Oh, esteja quieto
que isso é pecado. Cale-se, não seja parvo.
Ai Segismundo, meu falecido,
repara como me arremessam
mãos-cheias de vergonha.

ANICETO

Ora ouviu o eco da afeição?
Agora dê-me cá um beijinho.

(Perpétua tenta dar um estalo a Aniceto pela esquerda.

Aniceto defende-se. Depois pela direita. Aniceto defende-se. Depois uma joelhada. Aniceto defende-se. Perpétua finge que desiste e aplica-lhe uma cabeçada em cheio no centro do alvo da cara de Aniceto. Aniceto cambaleia.)

CORTIÇÕES E VILAR

Em copo alto e com duas rodela
de calamares.

ANICETO

É para já.

CENA 4

ENTRADA E COPLAS DE MARIA

(Ainda na taberna. O chão treme.)

CORTIÇÕES

Ó diabo, que será isto?

MARIA

Quando eu saí de casa o Sol
Vinha a nascer, rompia o dia.
Já não cantava o rouxinol,
Cantava ainda a cotovia.

Quando ainda à noite nos casais
Se ouvem os homens risonar
Já eu, os melros e os pardais
Nos campos vamos a voar.

E como o canto da andorinha
Enche a manhã de chilreadas
Vou eu também, livre e sozinha,
Saudar o Sol com gargalhadas.

Com uma cana a pescar
Pus-me na margem do rio.

Donde visse a romaria
Que ali devia passar.

Vejo os dois morgados da quinta do monte
Pararem de frente muito embasbacados.

E por duas vezes um a mim chegou-se
Como se isto fosse roupa de franceses.

Levanto-me logo sem tirte nem guarte
E co'a mão desta arte
Pespeguei-lhe fogo.

Bateu numa frágua perdeu o boné,
deslizou-lhe o pé,
Caiu dentro d'água.

E, como o João tinha o cão na horta,
Saltei té à porta
E açolei o cão.

Que, pra meu consolo,
Se foi ao morgado que tinha ficado
com cara de tolo.

E o canzarrão por castigo
Rasgou-lhe os calções
De modo e num sítio
Que ficou todo, mesmo todo...
Mais, eu não digo!

E enquanto o cão se anima
E o da ria barafusta
Gritava-lhe eu cá de cima:
Agarrá-las é que custa!

Já perto da aldeia
A um padre devasso
Que queria um abraço
Eu dei de mão cheia
Um soco pesado.

Que o achei a jeito,
Que lhe teria feito
Um galo encarnado.

E já aqui à porta
A um grande marão
Tirei eu o pão,
Gritando;
Vai torta!

Fazendo um bom jogo
Bem viram eu só,
Toquei-lhes sem dó
Nas costas a fogo.

Tenho estas pernas e este braço
Fortes de orgulho e mocidade
Para defender sem embaraço
A minha querida liberdade.

MARIA

Bom dia. Aniceto, o costume.

ANICETO

Bom dia, Maria. Aqui tens.

(Aniceto serve-lhe um triple shot de bagaço e um pastel de bacalhau. Maria paga e repete para a mesa do jogo.)

MARIA

Bom dia.

CORTIÇÕES

Parece que ouço vozes.

É certamente o Espírito-Santo
a cochichar-me algum versículo.

VILAR

Maria, a beber a esta hora?

ONOFRE

Tão cedo. Ainda agora é 1846.

MARIA

Que engraçado. Os homens estão
todos a beber e para eles não é «tão»
cedo. Existe alguma lei que indique
que uma mulher só pode molhar
o bico a partir de determinado horário?

PERPÉTUA

Uma mulher não bebe. Uma mulher
não fuma. Uma mulher não foge
às suas obrigações. Obedecer,
obedecer, obedecer.

(Maria pega na garrafa, bebe pelo gargalo até ao fim e parte-a na cabeça. Arregaça a manga e mostra a tatuagem. Onofre lê:)

ONOFRE

Free Tibete.

ANICETO

Então hoje o jogo é a dinheiro
ou a feijões?

CORTIÇÕES

Cash, que o restauro da torre sineira
e a onzena do BM não são pagos
pelos Reis Magos.

PERPÉTUA

Da minha parte é a Pai-Nossos,
que está na hora de rezar o terço.
(Olhando para Maria.)

O ar está poluído de pecado.
(Com a mão na testa.)

Tenho a calota a derreter
com esta presença do Inferno.
(Põe o crucifixo na boca. Engasga-se e sai.)

CORTIÇÕES

Tem lume? Confisquei estes cubanos
a um galego que veio da Alemanha.
Deixou-me uns folhetos.
Deve ser da Igreja Luterana.
Please, não tem noção.
(Acende o charuto.)

VILAR *(Lendo.)*

Os novos ideais de Marx.

ONOFRE

Marx é chocolates.

CORTIÇÕES

Então devolva-me o papel.

CENA 5

(Entram Joana e Ludovino de braço dado.)

HOMEM 1 E 2

Olá, Joana.

HOMEM 3 E 4

Olá, Joaninha.

LUDOVINO

Como conheces estes homens?

JOANA

São meus irmãos.

LUDOVINO

Todos eles?

JOANA

Não, só aquele. Os outros são irmãos dele, tanto do lado da mãe, como do lado do pai. Vê! A Maria já tão cedo na taberna, rodeada de não sei quantos.

(Maria cai embriagada nos braços de Onofre e Vilar. Ri-se sozinha.)

LUDOVINO

Está incrivelmente alcoolizada.

JOANA

Talvez seja perfume a mais.

ONOFRE

Aniceto, traz café.

TERCETTO

LUDOVINO

Tens tu visto ao pé das uvas

Nas latadas

Bem ao alcance da mão

Penduradas

Que logo às primeiras chuvas

Estragadas

Pelo vento esbacadas

Vêm ao chão?

Pois aí tens!

A Maria quem quiser

É só tocar-lhe co'a mão,

É falar-lhe um só dia

P'ra a colher já no chão.

JOANA

Deixa-a lá, coitada,

Enganada viverá!

LUDOVINO

Eu sei é desgraçada,

Do que foi está bem mudada.

MARIA

Ai eu sou coitada?

Deixem lá!

O que eu sou ninguém saberá!

Enganada viverá

E eu livre serei sem lenços de seda.

LUDOVINO

É o rico quem mais goza!

Ricos, bem sabes, seremos!

Todos os dias veremos cor-de-rosa!

LUDOVINO, JOANA

Nós seremos dois tafuis,

Viverás (viverei) tranquila e queda,

Dar-te-ei (dar-me-ás) lenços de seda,

Dar-te-ei (dar-me-ás) meias azuis.

MARIA

São ricos os manganões,

Têm mais este defeito,

Que lhes faça bom proveito

Os seus milhões!

Riquezas vêm a ser manhas,

Prove-as quem tem ouro em pó

Que para viver bastam só

Duas castanhas.

JUNTOS

LUDOVINO, JOANA

Nós seremos dois tafuis,

Viverás (viverei) tranquila e queda,

Dar-te-ei (dar-me-ás) lenços de seda,

Dar-te-ei (dar-me-ás) meias azuis.

MARIA

Mentirosos, mas tafuis,

Pois que Deus lhe dê ventura.

Assim suceda.

Livre sem meias de seda

nem meias azuis.

MARIA

Aniceto, só mais uma pinguinha.

Mas uma pinguinha grossa,

que me encha a caneca.

(Aniceto nega voltar a servi-la.

Maria vai à caça de vinho

nas outras mesas.)

O vinho é sangue de Deus,

não é Sr. Abade? Benza-me

aqui este copinho, para absolver

os meus pecados.

ANICETO

Por hoje chega, Maria.

MARIA *(Olhando para Ludovino.)*

Estou a festejar a minha independência.

LUDOVINO

Aniceto, enche-me o copo, se faz favor.

E também o de Joana.

JOANA

Fixe.

MARIA

Então e o meu?

LUDOVINO

Como quiseres.

(Faz sinal a Aniceto,

que enche o copo de Maria.)

CANÇÃO

MARIA

A vida é o gozo e prazer

Correndo veloz no espaço,

É o tempo de beber

E de trocar um abraço.

Perdem as aves o ninho,

Vão-se as horas a fugir,

Vai-se o chorar e até o rir,

Só há tempo para pedir mais vinho!

LUDOVINO

Ela num tal descaminho

Chegar assim a cair,

Chegar assim a pedir mais vinho!

MARIA

De verão o bom vinho enforcado

E o maduro p'ro inverno,

Sendo o amante mais amado

O amante que é mais moderno.

E enquanto puder gozar

Hei-de sempre proclamar

Como verdade e bem-sabida

Que é o melhor desta vida variar.

LUDOVINO

Também eu vou adotar

Como verdade sabida

Que é o melhor desta vida variar.

CENA 6

(Marcha militar. Entra o Exército Real com expressões de fúria.)

EXÉRCITO CORAL

1, 2, esquerdo direito.

1, 2, depila o peito.

1, 2, esquerdo direito.

1, 2, depila o peito.

A gente vem de Lisboa,

representando a Coroa.

Marchamos em parada gay,

para ler o decreto lei. *(Bis)*

CHEFE DO EXÉRCITO REAL

(Tira um papiro em tons pastel

da sua mala de mão estilo Isabel II

de Inglaterra.)

Houlá da Província!

(Reparando nas ovelhas de Maria.)

Ah, tão giro. São ovelhas, não é?

Que lindas! Dão lá?

MARIA

Não. *(Tempo.)*

Dão sushi.

CHEFE DO EXÉRCITO REAL

Uau. Que diferente. Bom, oiçam todxs.

Vimos anunciar as novas leis Cabralistas

que o Costa Cabral escreveu para

o Cabralismo, com aprovação

da Magnânima D. Rainha D. Maria II.

EXÉRCITO CORAL

Now Sissy that Walk.

(E marcham de mão na anca.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL

Lei n.º 1 / Prestem bem atenção,

senão depois não percebem nada

do que vai acontecer daqui

para a frente. Vou repetir.

Lei n.º 1: Nem o Povo, nem mais

ninguém que não seja bem-nascido,

tem autorização de sepultar os mortos

dentro das Igrejas. A Magnânima

D. Rainha D. Maria II e o Cabral

mandaram construir cemitérios em lotes descampados praticamente fora das cidades, para que lá sejam enterrados tanto os cadáveres, como quem já não esteja vivo. E não é grátis, que se paga imposto. Em cima de tal matéria, ainda acresce a despesa de uma certidão de óbito e uma licença sanitária, onde constarão os dados pessoais e o resultado da autópsia do vosso cadáver. Fui claro? Pronto.

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.

(E marcham de mão na anca.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Lei n.º 2: A carga fiscal vai aumentar, o que quer dizer que os impostos vão subir. Em palavras caras, mas sucintas: a Magnânima D. Rainha D. Maria II e o Cabral procederam a uma reorganização fiscal, com a exigência do recenseamento da propriedade e a introdução da contribuição predial, entre outros. Para mais informações acedam à Área Fiscal em www.cabral.gov. Ok?

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.

(E marcham de mão na anca uma vez mais, amiga.)

CHEFE DO EXÉRCITO REAL
Lei 3, esta é importante: Todos os homens, todos sem exceção, todos-todos-todos, serão recrutados para vários anos de tropa. Não escapa nenhum, que a gente lá em Lisboa temos muita falta de homens. Tasse? Gratiluz! Com a vossa licença, graciosa gentuça.

EXÉRCITO CORAL
Now Sissy that Walk.

(E saem de mão na anca, a marchar em direção ao horizonte, onde se fundem com o pôr-do-sol em longínquos fogos de artifício, parecendo a Madeira no Reveillon.)

POVO
Vão para o diabo! Para o diabo todos!

PERPÉTUA
Não percebi bem o que aqui sucedeu, mas será certamente um grande pecado. Ai Segismundo, que será isto?

MARIA
Graciosa gentuça?

ANICETO
Vão subir ainda mais os impostos? Mas como é que se pode subir o que já está para lá dos píncaros?

MARIA
Que história é aquela de não enterrar os mortos na Igreja?

ONOFRE
E todos os homens vão ser recrutados para vários anos de tropa em Lisboa?

JOANA
Os homens todos vão para a recruta? Não fica cá nenhum? *(Chora.)*

PERPÉTUA
Mas temos de obedecer. As leis são feitas para o nosso bem. As leis são feitas para obedecer.

MARIA
Beata! Mulher mais apagada que uma vela debaixo de água.

FINAL I

JUNTOS
JOANA
Se eles recrutam o povo Lá se vai o namorado! Este caso é novo. Qual será o resultado? Caso assim nunca vi! A minha sorte mudou O dia de amanhã Traz cousas de espantar.

O que será?
O que for soar! MARIA
Ai, se eu pudesse levantar o povo... O Ludovino não será soldado! Estou maquinando um plano certo e novo.

Vou conseguir um belo resultado, Alerta estou. Caso assim nunca vi! Isto vai dar que falar! Vou-lhes mostrar Quem eu sou. O dia de amanhã Traz cousas de espantar. O que será? O que for soar! O que for soar!

PERPÉTUA
Vão recrutar o nosso povo, Vai tudo preso pra soldado! Qual será o resultado? Caso assim nunca vi! Eu estou tremendo! O dia de amanhã Traz cousas de espantar. O que será? O que for soar!

ONOFRE
Ai se recrutam o povo Irei também ser soldado! Vão recrutar o nosso povo, Qual será o resultado? Caso assim nunca vi! Pra me casar aqui estou E nenhum deles me casou. O dia de amanhã Traz cousas de espantar. O que será? O que for soar!

ANICETO
Penso em Perpétua e não no povo Tu vales mais do que um batizado. De amor, querida, estou cheio como um ovo!

Meu amor se entranhou Eu estou muito apaixonado! Que sairá daqui? Caso assim nunca vi! Há talvez que lutar. O meu amor se entranhou! O dia de amanhã Traz cousas de espantar. O que será? O que for soar!

CORTIÇÕES E ANICETO
Entregarei à tropa o meu povo Tudo daqui irá ser soldado Será bom o resultado? Que sairá daqui? Caso assim nunca vi! Temos talvez de lutar! Hei de mostrar quem eu sou O dia de amanhã Traz cousas de espantar. O que será? O que for soar!

CENA 7

MARIA
Não deixemos a tropa levar os rapazes! POVO
Não deixamos a tropa levar os rapazes!

CORTIÇÕES E VILAR
(Mais recolhidos da barafunda, sobre Maria.)
Mas quem agarra esta rapariga?

VILAR
(A rir, para Cortições.)
Ai, para de falar ao mesmo tempo que eu, que doido!

MARIA
E não nos vamos ficar por aqui. Os impostos, é fácil: não os pagamos. E os mortos vão todos a enterrar no adro das igrejas como sempre foi costume!

POVO
Sim! Sim, sim!

PERPÉTUA
**Mas enterrados ao ar livre,
que mal tem? O ar puro
faz tão bem à saúde.**

VILAR
**Não se pode enterrar nas igrejas
por causa dos maus cheiros dos
mortos, que são prejudiciais à saúde
e causam anemias e outros paradigmas.**

MARIA
**Ora, se começarem a proibir a entrada
na Igreja àqueles que trazem maus
cheiros, metade de vocês fica
no lado de fora. Isto cheira-me
a propaganda do Cabral.**

POVO
Propaganda não! Não, não!

CORTIÇÕES
**Costa Cabral governa com mão
de ferro. Não há como contrariá-lo.**

MARIA
**Mas sendo eu a Maria da Fonte,
vou jorrar-lhe tanta água
para a sua mão de ferro,
que se há de desfazer em ferrugem.**

POVO
Que bonito trocadilho. E tão heroico!

JOANA
**Enterrar os mortos num terreno baldio,
praticamente fora dos limites da urbe,
tão fora de mão.**

ONOFRE
**É muito longe, uma pessoa
mal ganha para o petróleo.**

MARIA
**Sepultar dentro da Igreja é uma questão
de respeito por quem já foi parte
da gente.**

ONOFRE
**E ainda pedem um papel a explicar
do que morreu quem morreu.**

MARIA
**Ora a quem já morreu, que lhe
interessa saber de que morreu?**

JOANA
E esse papel paga-se.

PERPÉTUA
**Um papel para confirmar
que o morto está mesmo morto?**

MARIA
**E a gente não vê isso? É preciso
vir alguém de fora para confirmar?**

CORO
**Nós já vamos ver se serão capazes
De levar daqui os rapazes!**

MARIA (*Coro repete.*)
**Povo de pé!
Povo avante!
Já a águia abriu a asa.**

**Para defender o amante,
Os filhos, as mães, a casa!
Começou a romaria
Que santifica e melhora.
Rompe o sol de um novo dia,
Vai connosco Deus agora.**

CENA 8

CORTIÇÕES E VILAR
Não sei se aquela rapariga...

CORTIÇÕES
Com licença Vilar, agora vou eu.

VILAR
Faz favor, Sr. Abade.

CORTIÇÕES
**Não sei se aquela rapariga é uma
mulher ou o diabo.**

VILAR
A incitar o povo à revolta!

ANICETO
Mas onde está o problema?

**Não podemos aceitar todas as leis
novas que nos entalam na garganta,
só porque sim. Temos todos uma
palavra a dizer.**

VILAR
**Aniceto, meu bom burro.
As leis vêm de cima, do mesmo lugar
que nos pode fazer ascender,
a mim e ao Abade Cortições, que
somos praticamente da alta função
pública.**

CORTIÇÕES
**Estou farto de ser abade.
Quero subir na carreira e vestir melhor.
Assim nunca mais chego a Papa.**

VILAR
**Eu adorava ser presidente da câmara,
diretor de uma CCDR [Comissão
de Coordenação e Desenvolvimento
Regional]. Ou pelo menos vereador.**

CORTIÇÕES
**E se perceberem em Lisboa,
que não temos a mão no povo
de uma aldeia perdida a norte, não
nos darão crédito para liderar projetos
maiores. Cónego é um *dream job*.**

COPLAS CORTIÇÕES

CORTIÇÕES
**E agora quem me fará cónego?
Só há S. Bento que me acuda
Pra nesta perna rechonchuda
As meias rosa envergar.
A coisa é para arreliar,
É de temer esta ressaca.
Talvez voltando a casaca
As meias possa eu então calçar.**

**Cónego, mágica palavra,
Que bom que é um canonicato!
Não há para um homem pacato
Mais invejável posição!
Cónego, doce palavra!
O senhor cónego daqui,
O senhor cónego dali,
Como isto atrai consideração!**

**Pôr a batina do avesso
Em se tratando de política,
Prática ao abrigo da crítica,
Já o fez Caifás a Galileu.
Assim se trepa ao apogeu
Voltando o fato no cabido.
E eu estou aqui estou lá caído,
Juro a S. Carlos Borromeu!**

**Cónego, mágica palavra,
Que bom que é um canonicato!
Não há para um homem pacato
Mais invejável posição!
Cónego, doce palavra!
O senhor cónego daqui,
O senhor cónego de ali,
Como isto atrai consideração!**

CENA 9

*(Maria entra com um cadáver
embrulhado numa manta.
Esperam-na um grupo de mulheres.)*

MARIA
**Minha gente!
Trago boas notícias!
Morreu a Custódia Teresa.**

MULHERES (*Aplaudem.*)
Viva!

MARIA
**Sabem por que é que
são boas notícias?**

MULHERES (*Aplaudem.*)
Não!

*(Debaixo de uma pedra, aparecem
Cortições e Vilar, de gabardina,
chapéu de feltro e óculos de sol.
Um vigia de binóculos e o outro toma
notas de tudo o que veem e ouvem.)*

MARIA
**Porque agora temos o pretexto
para contrariar as leis novas
e fazer as coisas à nossa vontade.**

**Em Lisboa é a D. Rainha D. Maria II
que governa. No Minho é a D. Maria
da Fonte que manda!**

(Todas aplaudem.)

MULHERES

Vamos todas ao delírio!

(Entra Domingas atrasada.)

DOMINGAS

Atrasei-me. Desculpem.

MARIA

Só agora? Por onde andaste?

DOMINGAS

Estive num incêndio.

**Mas depois, com o calor, deu-me
sede e vim-me embora.**

MARIA

**Ok. Vamos sepultar a Custódia Teresa
na Igreja do Mosteiro de Fonte Arcada,
debaixo de uma laje mesmo central
e de frente à imagem de Maria,
mãe de Deus.**

DOMINGAS

Boa ideia! *(Para o Povo.)*

**Esta é uma mulher tão devota,
que não se devia chamar Maria
da Fonte, mas Maria da Fé!**

MULHERES

Maria da Fonte! Maria da Fé!

Maria da Fonte! Maria da Fé!

(Todas aplaudem e saem recitando

*All I want for Christmas is you,
de Camilo Castelo Branco.)*

CENA 10

CORTIÇÕES

**Parece que a Maria vai mesmo avançar
com o seu plano de contrariar
tudo e mais alguma coisa.**

VILAR

Assim não subimos a carreira.

CORTIÇÕES

A não ser que...

CORTIÇÕES E VILAR

**A não ser que consigamos convencer
o povo a mudar de ideias, com
as nossas técnicas de persuasão.**

TERCETTO

CORTIÇÕES

Por nós temos toda a gente.

VILAR

Não nos vencem!

ANICETO

Qual história!

CORTIÇÕES

Basta eu ser tão eloquente.

VILAR, ANICETO

Para ser certa a vitória.

CORTIÇÕES

Eu disponho dos maridos.

VILAR

Das mulheres disponho eu.

CORTIÇÕES

**Sobre as confessadas, queridos,
O domínio é todo meu!**

Tenho fé nos meus sermões!

VILAR

**Acreditem, não é peta,
Tenho fé nos meus sermões!**

ANICETO

Tenho fé nos seus sermões!

E eu no vinho da galheta

Para amansar os valentões.

OS TRÊS

Fica, pois, convencionado

Subjugar a multidão

E pra tal golpe de estado

Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES

Cá na aldeia somos tudo!

VILAR

Oh, se somos!

ANICETO

Oh, se são!

CORTIÇÕES, VILAR

Não te metas na questão.

OS TRÊS

E pra tal golpe de estado

Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES

**Vais ficar encarregado,
Mas cautela, juizinho!**

VILAR

Quer-se muito juizinho!

ANICETO

Sim, senhor, terei cuidado

CORTIÇÕES

Com astúcia e paciência

Tudo vence um bom pastor.

Hás de distribuir o vinho...

VILAR

Nesta missa é bom que ajudes...

ANICETO

Mas o número de almudes...

Quanto vinho.

Quanto vinho!

VILAR

Mas cuidado juizinho!

OS TRÊS

Fica, pois, convencionado

Subjugar a multidão

E pra tal golpe de estado

Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES

Cá na aldeia somos tudo!

VILAR

Oh, se somos!

ANICETO

Oh, se são!

CORTIÇÕES, VILAR

Não te metas na questão

OS TRÊS

E pra tal golpe de estado

Bastará a persuasão!

CORTIÇÕES

**Começamos por pagar uma visitinha
ao acampamento do Exército
e denunciar a Maria, que está a fazer
despertar no povo ideias impróprias
e contra a lei.**

ANICETO

Irá certamente para a gaiola.

VILAR

**Assim, quem fará figura de inflexível
perante o povo será o Exército Real
e não a gente.**

CORTIÇÕES

**E com a Maria presa, o resto é como
roubar um chupa-chupa a uma criança.**

VILAR

**O Sr. Abade foi largamente prendado
pela inteligência.**

CORTIÇÕES

**Isso são favores que Sua Excelência
me faz ao ego.**

VILAR

**Pois deveras, que o acho um homem
recheado de sabedoria e erudição.**

CORTIÇÕES

**Retribuo o elogio. Também
não é qualquer patego que chega
a burocrata.**

VILAR

Ai Abade, não se faz.

(A tapar a cara.)

**Encho-me de vergonha, pareço
uma melancia de agosto.**

CORTIÇÕES

Curioso...

(Cortições estaca a olhar para Vilar.)

Tem os olhos verdes.

VILAR

Mudam de cor conforme a luz.

CORTIÇÕES
Vilar, oscula-me a joia do terço.
(Vilar beija-lhe a joia do terço, enquanto olha Cortições nos olhos.)

VILAR
Ai Abade, beije-me.
Beije-me com a língua e rigor histórico.
(Vilar e Cortições beijam-se com som. Aniceto que nunca se ausentou.)

ANICETO
Ah... Hello?

CORTIÇÕES
Aniceto, não me interrompa em plena confissão. Sabe lá que traumas se poderão levantar, quando deixamos um desabafo a meio.

CENA 11

(Ludovino irrompe pela taberna adentro com Perpétua a correr atrás dele, ofegante.)

LUDOVINO
Sr. Abade, ainda bem que o apanho.

PERPÉTUA
Sr. Abade, repare quem encontrei ainda agora e que diz que tem uma coisa para lhe pedir.
Eu tentei impedi-lo, mas ele tem tantos músculos, que quase me rachava ao meio.

LUDOVINO
Mal lhe toquei, D. Perpétua.

PERPÉTUA
Pois foi. Ai meu Segismundo, vês tu de que matéria são hoje feitos os homens? Têm menos fibra que um carapau.

CORTIÇÕES
Diga lá depressa, que acabei de chamar uma caleche de mulas para me levar a tal sitio.

LUDOVINO
Sr. Abade, venho pedir-lhe a mão de Joana em casamento, a quem sei que presta as maiores devoções de cuidado, proteção e mimo.

CORTIÇÕES
Não confirmo, nem desminto.

PERPÉTUA
Eu não disse? Ponha-se a andar daqui para fora.

LUDOVINO
(Ajoelha-se perante Cortições, abre uma caixinha. Lá dentro está um anel.)
É uma pedra verdadeira, extraída das minas da Serra d'Arga.

PERPÉTUA
Tem um brilho tão baço.
Parece um dente.

LUDOVINO
Sr. Abade, aceita que Joana aceite a minha mão em casamento?

QUINTETO

CORTIÇÕES
Eu não lhe digo que não.

LUDOVINO
Então?

CORTIÇÕES
Mas a ocasião é má.
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.

LUDOVINO
Mas senhor...

CORTIÇÕES
Não se amofine que nas boas graças está,
Pois nós todos em geral o estimamos...

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR E ANACLETO
...e respeitamos e consideramos.
Como um noivo sem rival.

LUDOVINO
Isso é honra sem igual.
Agradeço a cortesia,
Mas sabe desejo o dia
Em que devo possuir
Essa mão que vim pedir.

CORTIÇÕES
Brevemente!

LUDOVINO
Brevemente?
PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR E ANACLETO
Brevemente, brevemente!

LUDOVINO
Todavia francamente
Não me diz o dia certo.
Estou na mesma confusão!

JUNTOS
LUDOVINO
Esperarei, pois, que termine
Esta crise que é bem má.
E com quanto eu me amofine
Paciência Deus dará!

PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR E ANACLETO
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.
Mas por Deus não se amofine

Que nas boas graças está
E paciência Deus dará!

CORTIÇÕES
Ficará pró S. João.

PERPÉTUA, VILAR E ANICETO
Tem de mão
Calhar no verão.

LUDOVINO
Ficará pró S. João.

CORTIÇÕES
Ter um genro tão milhoso
Com a vida direitinha,
Ter um genro dinheiroso
Sempre foi ambição minha.

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR E ANACLETO
Genro, genro, genro genro?!

PERPÉTUA
Que está dizendo?

LUDOVINO
Também eu não compreendo!

VILAR, *aparte*
Pois eu cá compreendo!

CORTIÇÕES
Disse genro? Eu já emendo.
Não repare Ludovino
E vós todos perdoai
Que à Joana sempre tive
Verdadeiro amor de pai.

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR E ANACLETO
Isso agora é outro caso!

CORTIÇÕES
Pois quem duvidará, quem?

PERPÉTUA, LUDOVINO, VILAR E ANACLETO
Ninguém, ninguém, ninguém,
ninguém!

JUNTOS
PERPÉTUA, CORTIÇÕES, VILAR E ANACLETO
Deixe que a crise termine
E apareça então por cá.
Mas por Deus não se amofine
Que nas boas graças está
E paciência Deus dará!

LUDOVINO
Esperarei, pois, que termine
Esta crise que é bem má.
E com quanto eu me amofine
Paciência Deus dará!

(Enxotam Ludovino para a rua e fecham-lhe a porta na cara.)

CENA 12

(Maria de pá numa mão e picareta na outra, prepara-se para levantar uma laje e cavar.)

MARIA
Isto é um pequeno passo para uma mulher, mas é um grande passo para as gentes do Minho.

COPLAS MARIA

MARIA

Ao ver o povo em miséria
Bruto, entregue à beatice,
A gente abonada e séria
Pegou a pensar e disse:
Nada de cerimônia à larga
E ter prazeres abundantes.
Elas são nossas amantes,
Eles nossos bois de carga.

A eles vamos sem mais
Que há aí quem menos valha
São um rancho de animais
É a canalha!

CORO

A eles vamos sem mais
Que há aí quem menos valha
São um rancho de animais
É a canalha!

MARIA

Sentem fome, têm pobreza,
O que eles são é uma súcia!
Já ontem tive a Teresa,
Tragam-me cá hoje a Lúcia!
E tu, meu asno chapado,
Evita a ociosidade:
Leva o trigo ao senhor abade
E vai cavar pró morgado.

A eles vamos sem mais
Isto não é gente é palha
São um rancho de animais
É a canalha!

CORO

A eles vamos sem mais
Isto não é gente é palha
São um rancho de animais
É a canalha!

CENA 13

(Cortições e Vilar estão no acampamento do Exército Real, onde os soldados estão a assar marshmallows com um pauzinho virado para a fogueira.)

CORTIÇÕES E VILAR

Pois é como lhe digo.

CORTIÇÕES

A Maria está armada em bloquista,
a querer que o Povo se manifeste
contra as leis novas do Cabral.
Inclusivamente parece que apareceu
por aí um cadáver. A Maria pegou
nele e já lhe está a abrir uma cova
em pleno átrio da Igreja
de Fonte Arcada.

CORTIÇÕES E VILAR

E tudo para contrariar vossas
excelências, o Cabral, a Magnânima
D. Rainha D. Maria II, as boas práticas
de higiene e a vontade de Deus
Nosso Senhor.

CHEFE DO EXÉRCITO

‘Tás a gozar? *(Para o Exército.)*
Rapaziada, estes DILFs vieram dizer
à gente que há uma bolha de revolta
aquí na Província, contra as leis
que a gente veio cá declarar.

EXÉRCITO CORAL

Era só mas é o que faltava!

CHEFE DO EXÉRCITO

Devemos lealdade à nossa
D. Magnânima D. Rainha.

EXÉRCITO CORAL

Viva a Cher!

CHEFE DO EXÉRCITO

Ai que parvas!

(Começam todas a fazer cócegas umas às outras.)

CORTIÇÕES

Já que fala nisso...

VILAR

...seria demais pedir para dar
uma boa palavra junto da Magnânima
D. Rainha D. Maria II...

CORTIÇÕES

...sobre os préstimos que oferecemos...

VILAR

...o Sr. Abade Cortições e eu,
Vilar, como está?

(Dá dois beijinhos ao Chefe do Exército Real.)

A propósito daquilo que o menino
e os seus vieram cá fazer ao Minho?

CORTIÇÕES

Sou um zeloso cumpridor da lei
e das instituições vigentes.

VILAR

E eu sou um constitucional de gema.
O cumprimento da lei é a base
de uma boa alimentação.

CHEFE DO EXÉRCITO

Ai que maluquice, Maria Alice.
Pode ser. Mas o que é que a gente
ganha com isso?

(Cortições e Vilar levantam a batina e as pernas das calças, respetivamente, revelando as suas meias de rede, escandalosamente provocatórias.)

CENA 14

(Domingas circula. Joana também. Encontram-se e assim começa uma nova cena, em que primeiro se fala e depois se canta.)

JOANA

Ai Domingas, estás toda suada.

DOMINGAS

Andei a cavar com a Maria.
Estivemos a enterrar a Custódia
na Igreja. Assim, sem caixão nem nada.

Ficou toda torta, mas foi um bonito
momento de comunhão popular.

JOANA

(Tirando um lenço de seu regaço.)
Deixa-me limpar-te. Tão novinha.
Tão porquinha.

DOMINGAS

Que bonito lenço branco.

JOANA

Foi todo caiado à mão.

DOMINGAS

Pela mão de quem?

JOANA

Pela mão de mim.

DOMINGAS

Esses trabalhos duros não são coisas
para princesas, princesa.

JOANA

(Limpa a testa de Domingas.)
Ai Domingas, estás com um *beat*
acelerado. Estás toda a escorrer.

DOMINGAS

(Faz que sim com a cabeça.)
Hum-hum.

(Domingas rouba um beijo a Joana. Joana abre muito os olhos, surpreendida. Depois fecha-os e entornam-se ambas nos braços uma da outra, aos beijos vulcânicos. Entra Ludovino.)

LUDOVINO

Joana!

JOANA

Ludovino! Isto não é o que estás
a pensar!

LUDOVINO

Então é o quê?

JOANA

Coca.

LUDOVINO

Balelas! És da mesma estirpe
que a Maria. Olha, esquece!

Esquece o casamento, esquece as juras de amor, esquece estes músculos que te defenderiam no breu da noite.

JOANA

Ora adeus! Como se eu precisasse de um homem para me proteger. E sobre a Maria estás equivoocado. Ela nunca te enganou. És um burro sufocante!
(Ludovino bate com o pé no chão e sai a chorar.)

VALSA

JOANA

**Ai por causa de um beijo
Apanharem-me assim!
Ai de mim!**

**Se tal chega constar
Estou perdida,
Ai de mim!**

**Namorados hei tido
Sem ninguém ter sabido
E por causa de um beijo.
Apanharem-me assim
Ai de mim!**

**Às ocultas um beijo seduz
Que insensato desejo,
Ai Jesus!**

**Raparigas o exemplo não tomem
De mim.**

Tenham pejo do beijo de um homem

**Ai por causa de um beijo
Apanharem-me assim
Ai de mim!**

CENA 15

MARIA

(Batendo as mãos uma na outra, para sacudir o pó.)

Pronto, enterrada está.

MULHERES

Viva a autodeterminação do povo!

(Entra o Exército.)

CHEFE DO EXÉRCITO

Que é lá isso, a enterrar em plena laje da Igreja. Façam bicha, que hoje vai tudo para o Torel.

(O Exército prende as mulheres. Cada membro do Exército Real pega uma mulher pela mão. Maria fica de fora.)

MULHERES

**Ai Maria, que vamos dentro.
Isto é uma grande aldrabice!**

MARIA

**A mim não apanham!
*(Tira o lenço da cabeça.
Chama a atenção do Exército Real.)***
Oh! Sabem o que é isto?

EXÉRCITO CORAL

O quê?

MARIA

Poliéster.

EXÉRCITO CORAL

(Subitamente encandeado.)

**Ai, credo! Poliéster!
Estamos ceguinhos!**

MARIA

Minhas amigas, volto para vos salvar!
(Maria foge. O Exército Real recupera da vista e arrasta todas as mulheres para a prisão, que choram em francês.)

CENA 16

(Perpétua está a fazer olaria. Aparece o fantasma Segismundo, seu falecido marido.)

SEGISMUNDO
(Com voz de fantasma.)

Perpétua.

PERPÉTUA *(Sobressaltando-se.)*
Sim?!

SEGISMUNDO

Perpétua!

PERPÉTUA

Quem fala?

SEGISMUNDO
(Pigarreia e já não tem voz de fantasma.)

Sou eu, meu amor.

PERPÉTUA

**Meu amor? Oh gosh! Segismundo?
O meu falecido? *(Vendo-o.)*
És mesmo tu! *(Soa Unchained Melody.)***

Voltaste em fantasma para me atormentar?

SEGISMUNDO

Não, meu amor.

PERPÉTUA *(desiludida)*

Oh... *(Recompõe-se.)*

Então, está bem.

SEGISMUNDO

Que saudades do teu sorriso de embirração.

PERPÉTUA

Então e eu...! A minha vida perdeu uma grande percentagem de significado desde que te perdi.

SEGISMUNDO

Minha Perpétua, tenho olhado por ti.

PERPÉTUA

**Meu Segismundo, agradecida!
Ah, mas eu sabia, caraças! Eu bem que andava a sentir umas presenças.**

Até cheguei a ir à guarda, mas não fizeram caso. Desde então, ando sempre com uma navalha de ponta e mola na liga.

SEGISMUNDO *(Encolhendo os ombros.)*
Por mim...

PERPÉTUA

Dava-te agora um abraço terno, não fora estar com as mãos enterradas no barro. Mas posso dar dois beijinhos. *(Dão dois beijinhos na face.)*
Enquanto dão, Perpétua pergunta:)

Passou bem?

SEGISMUNDO

Bem, obrigado. Estás linda, Perpétua.

PERPÉTUA *(Envergonhada.)*

Oh! Dizes isso a todas.

SEGISMUNDO

Pois deveras! O preto fica-te bem.

PERPÉTUA

**Faz-me mais magra.
Como é que é o Paraíso?
Sempre faz lembrar o Gerês, como vem na Bíblia?**

SEGISMUNDO

É mais parecido com Benidorm.

PERPÉTUA

Ai credo, Deus me dê muita saúde.

SEGISMUNDO

O que é que estás a fazer, Perpétua?

PERPÉTUA

Uma bilha nova para ir à fonte da Maria. Tantas vezes lhe levei a bilha à fonte, que a bilha se quebrou. Agora estou a fazer uma nova, em estilo gótico e com remates às florinhas. Mas então diz lá. Diz lá, não me atrapalhes mais.

SEGISMUNDO

Perpétua, junta-te à causa da Maria da Fonte, se queres estar do lado certo da História.

PERPÉTUA
É que nem por uma arroba de passas de Alicante!

SEGISMUNDO
Insisto.

PERPÉTUA
Ok, está bem, pronto, acabou-se. Junto-me ao lado certo da História, juntando-me assim à Maria da Fonte. Mas porquê? Porquê, Segismundo? Segismundo?!

(O fantasma de Segismundo evaporou-se.)

Segismundo, meu amor! Meu amor, que te perdi uma vez mais!

(Perpétua chora. Segismundo reaparece.)

SEGISMUNDO
Fui à cozinha buscar um copo de água.

PERPÉTUA *(Despreocupada.)*
‘Tá bom.

SEGISMUNDO
Mas não há água.

PERPÉTUA
Ainda não acabei a bilha. Até lá, não há água para ninguém. Mas se te fizer jeito um copo de vinho verde frisante, tenho ali uns restos da missa, na minha mesinha de cabeceira.

SEGISMUNDO
Perpétua, sempre me subeste surpreender.

PERPÉTUA
Pela positiva?

SEGISMUNDO
E também pela negativa.

PERPÉTUA
Sou uma mulher de mão cheia. Quem dera a muitas! Então vamos lá ao vinho verde. Vão umas pataniscas de rojões com papas de sarrabulho?

SEGISMUNDO
Também sobrou da missa?

PERPÉTUA
Trouxe do orfanato, que ainda sabe melhor.

CENA 17

(Maria do lado de fora da delegacia.)

MARIA
E agora como é que eu as solto?

PERPÉTUA
Maria!

MARIA
Perpétua, se vens para me dificultar mais a vida, esgano-te.

PERPÉTUA
Não, Maria, fui iluminada pelos Ideais de Justiça e estou aqui para te ajudar. Queres ver?

(Usa a chave-mestra para abrir os portões da prisão.)
Toma! Tenho a chave-mestra da cidade, que é capaz de abrir qualquer fechadura a norte do Rio Ave!

(As mulheres começam a sair da prisão, a coxear, a tossir e a assoar-se.)

MARIA
Preparemos a vingança! Mulheres, de que armas dispõem?

(As mulheres sacam das saias pistolas, facas, espingardas, foices, metralhadoras, canhões e granadas.)

MARIA
Excelente! Para tratar dos eventuais feridos fica a Domingas, que fez o curso de Enfermagem.

DOMINGAS
Equívoco natural. Não fiz o curso de Enfermagem. Fiz o curso de Informática.

MARIA
E isso o que é?

DOMINGAS
Faço programas.

MARIA
És puta? Ao menos tens uma pistola?

DOMINGAS
Não. Mas tenho um apito.

MARIA
Tem carácter e o efeito é o mesmo. Usa-o quando a lógica se impuser.

DOMINGAS
Compreendi-te.

MARIA
Disseste que havia um incêndio.

DOMINGAS
Em Rendufinho.

MARIA
Antónia! Lemúria! Vão a casa buscar umas sacas de juta e sigam para Rendufinho. Tragam de lá todo o fogo que conseguirem.

ANTÓNIA E LEMÚRIA
Sim, capitã!
(Entra o Exército Real com ar pimpão e as garras de fora, sucedido de Cortições e Vilar, que estão com um sorriso de vampiro. Domingas apita. As mulheres preparam as suas armas. As mulheres lutam com o Exército Real! As mulheres cantam Who run the world? Girls! de Beyoncé. Entretanto voltam Antónia e Lemúria com as sacas cheias de fogo.)

ANTÓNIA E LEMÚRIA
Estamos de volta, capitã!

MARIA
Trouxeram o fogo?

ANTÓNIA E LEMÚRIA
Tanto quanto conseguimos acartar.

MARIA
Domingas, apita! (Domingas apita.) Preparar as ovelhas!

MULHERES
Sim, capitã! (Entram as ovelhas.)
MARIA

Incendiar as ovelhas!

ANTÓNIA E LEMÚRIA
Sim, capitã!
(Entornam um pouco do fogo que trazem nas sacas para cima das ovelhas, que ficam com os olhos raiados de sangue, como um toiro de Santarém.)

MARIA
Lançar as ovelhas!
(As mulheres lançam as ovelhas contra o Exército Real, Cortições e Vilar, que são derrubados tal qual pinos de bowling. Veem estrelas e recompõem-se lentamente.)

MARIA
Preparar a catapulta!
MULHERES
Sim, capitã!
(Entra uma catapulta medieval.)

MARIA
Tragamos o queijo Limiano!
MULHERES
Sim, capitã!
(Rolam bolas de queijo Limiano de mais de um metro de diâmetro, que colocam na colher da catapulta.)

MARIA
Incendiar o queijo!
(Antónia e Lemúria repetem o processo bélico.)
Disparar!

(Catapultam as bolas de queijo Limiano, que explodem mal entram em contacto com o chão, fazendo o Exército Real voar. Os membros do Exército caem em cima umas das outras. Muito fraquinhos, sofrem sentados no chão.)

MARIA
Lancem a rede de pesca
sobre o Exército!

MULHERES
Sim, capitã!
*(Lançam a rede sobre o Exército
que fica totalmente impotente.)*

MARIA
Terminou a tirania! Vencemos
o Exército Real, o Cabralismo,
a D. Rainha D. Maria II e mais
não sei o quê! Glória ao Minho!
Glória às mulheres do Minho!

MULHERES
Viva! Viva o Minho!
Viva a Maria da Fonte!

CORTIÇÕES
Maria, tende piedade!

MARIA
E tu, meu Abade da mula russa.
A justiça tarda, mas não falha.
Vamos desmascarar-te. Joana,
apresento-te o teu pai.

JOANA
Meu pai?

PERPÉTUA
Ai que rápido desenlace.

MARIA
Sim e de mais tantas.

JOANA
A gente todas somos hermanas?
*(Festejam fazendo uma roda,
pulando de alegria.)*
Havemos sempre de nos ter
umas às outras.

CANTIGA

MARIA
Tinha três filhas o abade,
Todas três eram morenas.
(JOANA – Eu sou loira natural!)
Com três moças da cidade
Abalaram as pequenas

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

São os desejos vermelhos
E as morenas coloridas.
Nasceram feitas pra beijos
Por eles foram perdidas

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

Quando voltaram já tarde
Perguntaram as pequenas
Dize-nos tu pai abade
Se eram nossas mães morenas.

Quando passam namorados
Abraçados pela estrada,
Desmancha a massaroca,
Estala o linho na roca
E a gente está corada.

CENA 18

*(Entra Ludovino, ofegante
como se tivesse acabado de cantar
um dueto com a Gisela João.)*

LUDOVINO
Maria, venho salvar-te!

MARIA
Tarde piaste.

LUDOVINO
Então peço-te que me perdoes
e que me aceites novamente
como teu noivo querido.

MARIA
A confiança foi irreparavelmente
quebrada. Quando a desconfiança
ganha um lugar de protagonismo
entre duas pessoas, tudo o resto
é aridez.

DOMINGAS
Tau! Falou!

LUDOVINO
Mas tens de te casar, Maria.
Não podes ficar solteira,
encalhada entre as ovelhas.

MARIA
Ludovino, o que entendo por
desenvolver livremente as qualidades
afetivas na mulher é deixar-lhe o pleno
direito da escolha, o direito sagrado
de amar ou não amar, de casar ou ficar
solteira, sem que isso represente
uma vergonha.*

MARIA E JOANA
Entendo que a mulher não deve ser
coagida pela educação, nem pelos
costumes, a ver no casamento
um fim, um ideal completo e único,
quase uma obrigação.*

DOMINGAS
Ana de Castro Osório.

PERPÉTUA
Já que se toca no assunto.
Segismundo, meu Segismundo.
Está lá? Oi. Repara, achavas mal
que eu me voltasse a casar?
Tipo, de 0 a 20? 0? Que porco,
tanto desprezo. Ok, tudo bem.
*(Perpétua desliga e aproxima-se
de Aniceto, ajoelha-se.)*
Aniceto, pede-me lá em casamento
de uma só vez.

ANICETO
Perpétua, queres casar comigo?

PERPÉTUA
I do! I do!

TODOS
Afinal há casório!
(Todos festejam.)

CENA 19

Maria *(Liberta o Exército Real.)*
E a vocês, liberto-vos em nome
das leis do Minho. Corram, minhas
gazelas, corram livres pelo campo.
Liberto-vos dos bélicos grilhões.
Voem, minhas pombas lilases.
Algemada está a Nação.
Nobre povo do Minho, és vencedor,
generoso, ousado e livre. Glória
ao teu valor. Fugi déspotas, fugi,
que a guerra ainda agora começou.

FINAL II

CORO
Bom Jesus
Guarda o povo!
Dá-nos luz
Bom Jesus,
Dia novo!

Guerra à guerra,
É guerra à guerra
Índa outra vez,
Pela santa liberdade,
Pelo povo português!

Põe os bois na abegoaria,
Limpa o suor gotejante.
Mais comer, mais alegria,
Larga a charrua e avante!

AS MULHERES
Faltam nos campos os milhos,
Vagueiam com fome os cães.
Queremos pão para os nossos filhos.

HOMENS
Queremos pão!

MULHERES
Queremos pão para as nossas mães!

HOMENS
Queremos pão!

MARIA COM O CORO
HOMEM EM RESPOSTA

MARIA

**Dos que vão com ilusões
E com fome pró Brasil
Para que voltem três barões
Morrem, coitados, três mil!
E a mulher que daqui sai,
Fugindo ao trabalho e aos pais,
Quem sabe lá onde vai
E porque não volta mais!**

HOMENS

**Somos valentes, valentões!
Somos já mais de dois mil!
Vamos ter milhões
Sem ter de ir ao Brasil!**

**Para a tropa já tudo ia
Vou eu, vais tu e vão mais!**

TODOS

**Põe os bois na abegoaria,
Limpa o suor gotejante.
Mais comer, mais alegria,
Larga a charrua e avante!**

* Excerto de *As mulheres portuguesas*
de Ana de Castro Osório, 1905

Jenny Silvestre



Licenciada em Cravo (Escola Superior de Música de Lisboa) e em Direito (Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa). É doutorada em Ciências Musicais Históricas (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa). Conta com uma pós-graduação em Cravo (Escola Superior de Música da Catalunha, Espanha) e uma pós-graduação em Gestão Empresarial, vertente de Estratégia de Investimentos e Internacionalização (Instituto Superior de Gestão).

É fundadora e presidente da Academia Portuguesa de Artes Musicais. Assume as funções de diretora dos Congressos Internacionais de Musicologia Histórica organizados pela Academia Portuguesa de Artes Musicais, bem como a direção dos projetos pluridisciplinares da mesma. Tem sido ao longo dos anos diretora e programadora artística de diferentes festivais e ciclos de concertos. Participou na estreia mundial das obras *Magnificat em talha dourada* e *Horto sereníssimo*, do compositor Eurico Carrapatoso, bem como no conto infantil *O que aconteceu no Museu da Música*, do compositor Sérgio Azevedo. Estreou ainda a *Inventio 2*, de Bruno Gabirro, e a peça *Prelúdio e Festa*, de Sérgio Azevedo, especialmente escrita para ela. Em 2009, foi assessora musical do premiado filme do realizador chileno Raúl Ruiz, *Mistérios de Lisboa*. Em 2018, estreou, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, o seu primeiro filme documental, *Momento*

1910, acompanhado pela orquestra Melleo Harmonia, orquestra residente da Academia Portuguesa de Artes Musicais. É curadora da programação *Música no Termo*. É fundadora e diretora do Laboratório de Ópera Portuguesa no CCB.

João Paulo Santos



Nasceu em Lisboa, em 1959, tendo concluído o curso de piano do Conservatório Nacional desta cidade, na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragón e Elisabeth Grümmer. De 1979 a 1984, estudou em Paris com Aldo Ciccolini, inicialmente como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Ainda em Paris, foi convidado pela direção do Teatro Nacional de São Carlos para, a partir da temporada de 1984/85, desempenhar as funções de Maestro Assistente deste Teatro. Na temporada de 1987/88, foi convidado para Assistente do então Maestro Titular do Coro, Gianni Beltrami, acumulando estas funções com as que já exercia. Desde a temporada de 1990/91, desempenha o cargo de Maestro Diretor Titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Paralelamente, desenvolve uma importante atividade como pianista, tendo colaborado com quase todos os cantores portugueses. Iniciou a sua atividade como maestro em julho de 1990, dirigindo a ópera de William Walton, *The Bear*, para a RTP,

no Teatro da Cornucópia, com encenação de Luís Miguel Cintra. Dirigiu ainda, em 1994, as óperas *Cânticos para a Remissão da Fome*, de António Chagas Rosa, e *Let's make an opera*, de Britten. Dirigiu também a estreia mundial da ópera *Édipo*, a *Tragédia do Saber*, de António Pinho Vargas, na Culturgest. Prossegue uma carreira dinâmica na direção musical, tendo dirigido no Teatro Nacional de São Carlos a primeira apresentação em Portugal da obra *Renard*, de Stravinsky, a estreia mundial da ópera *Os Dias Levantados*, de António Pinho Vargas, um programa inteiramente preenchido com música do século XX (Schnittke, Pousseur e Corghi) e ainda *Les Noces*, de Stravinsky. No Teatro Nacional D. Maria II, dirigiu *Sweeney Todd*, de Stephen Sondheim. Gravou vários discos, nomeadamente com obras de Erik Satie e Luís de Freitas Branco (EMI classics). Apresenta-se frequentemente em recital, como pianista acompanhador.

Ricardo Neves-Neves



© FILIPE FERREIRA

É licenciado em Teatro-Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema e Especialista em Estudos de Teatro pela Faculdade de Letras de Lisboa. Participa no Obrador d'Estúiu-Dramaturgia (Barcelona), orientado por Simon Stephens.

É o diretor artístico do Teatro do Eléctrico, onde escreve e encena.

Encenou também obras de Sophia de Mello Breyner Andresen, Ana Lázaro, Gil Vicente, William Shakespeare, Lewis Carroll, Edward Albee, Karl Valentin, Copi, Spiro Scimone, Charles Dickens, Martin Crimp, Christopher

Durang, Ivan Calbérac, Matthieu Delaporte, Alexandre de la Patellière, Guilherme Gomes, J. J. Rousseau, W. A. Mozart, Pedro Mexia e Nuno Côrte-Real. As suas peças foram encenadas por Mónica Garnel, Sandra Faleiro, Ana Lázaro, Paula Sousa, João André, Diogo Freitas, Joana Magalhães e Fábio Pinto. Autor e coencenador de *Floating Island* com Cheng-Ting Chen e Yi-Ting Hung, uma coprodução do Théâtre de la Ville (Paris, França) e do Taipei Arts Festival (Taipei, Taiwan).

Leccionou a cadeira de Interpretação na Escola Superior de Teatro e Cinema e na ACT – Escola de Actores. Colaborou ainda com o Teatro Nacional de São Carlos, Força de Produção, Artistas Unidos, Teatro da Trindade, APARM, Égide, Teatro da Terra, Primeiros Sintomas, Bandedelugo, Music Theatre Lisbon, Temporada Darcos, Teatroesfera, Teatro Meridional, Centro de Estudos de Teatro, Coffeepaste, Casa Conveniente, Teatro dos Aloés, Comédias do Minho, Revista Gerador, Cassefaz, Teatro O Bando e Procur.Arte.

Tem peças publicadas nas seguintes editoras: Artistas Unidos/Cotovia/Snob, Teatro Nacional D. Maria II/Bicho do Mato, Companhia das Ilhas e Teatro da Terra. As peças foram traduzidas em inglês, francês, catalão e chinês.

Cátia Moreso



Estudou no Conservatório Nacional de Lisboa e na Guildhall School of Music and Drama (Curso de Ópera), em Londres, onde obteve a licenciatura em canto

e o grau de Mestre.

Bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e do Lionel Anthony Charitable Trust, estudou no National Opera Studio com Susan Waters. Venceu o 2.º Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa e recebeu também o Prémio Bocage no Concurso Luísa Todi e o 1.º Prémio no Concurso de Canto José Augusto Alegria.

O seu repertório de ópera inclui, entre outros, os seguintes papéis: La Cieca, em *La Gioconda* de Ponchielli (Valladolid, Espanha); Giano, em *Il Trionfo d'Amore*, Dianora e Elisa em *La Spinalba* de F. A. de Almeida; Hanna Wilson/Tracy, em *The Losers* de Richard Wargo; 3.ª Dama, em *A flauta mágica* (Festival de Wexford); 2.ª Bruxa e Espírito, em *Dido e Eneias*; Giovanna, em *Rigoletto*; Baronesa, em *Chérubin* de Massenet; Madame de Croissy e cover de Mère Jeanne, em *Dialogues des Carmélites*; Zanetto, na ópera homónima de Mascagni (Opera Holland Park), Carmella, em *La vida breve* de Falla (Festival de Tanglewood); Marcellina, em *As bodas de Figaro*; e Carmen (Woodhouse, Londres). Cantou em concerto, como solista, obras de Vivaldi (*Gloria* e *Magnificat*), Pergolesi (*Stabat Mater* e *Magnificat*), Rossini (*Stabat Mater* e *Petite messe solennelle*), Bruckner (*Te Deum* e Missa n.º 3) bem como o *Magnificat* e a *Oratória de Natal* de J. S. Bach, a *Missa de Nelson* de J. Haydn e os *Requiem* de Mozart, Durufle e Verdi (Clonter Opera, Londres). No domínio da música contemporânea, cantou as *Canções Populares* de L. Berio, *Aventures* de G. Ligeti e foi solista na estreia de *Cicero Dixit* de C. Bochmann.

Luís Rodrigues

Estudou no Conservatório Nacional e na Escola Superior de Música de Lisboa. GANHOU o 2.º Concurso de Interpretação do Estoril, o 4.º Concurso de Canto Luísa



Todi e o Prémio Jovens Músicos da R.D.P. em Música de Câmara, com o pianista David Santos. Obteve o 2.º Prémio no Concours-Festival de la Mélodie Française em Saint-Chamond (França) e foi o vencedor *ex-aequo* do concurso PoulencPlus (Mélodies de Poulenc) em Nova Iorque. Luís Rodrigues tem vindo a construir em Portugal uma sólida carreira no domínio da ópera, com papéis como Figaro (*O barbeiro de Sevilha*), Guglielmo, Albert, Nick Shadow, Sharpless, Escamillo, Gianni Schicchi, Beaupertuis, Sulpice e Don Profondo no Teatro Nacional de São Carlos, Narrador (*A Flowering Tree*) e Kurwenal (*Tristão e Isolda*) com o São Carlos no Centro Cultural de Belém, Mr. Gedge (*Albert Herring*) e Eduard (*Neues vom Tage*) no Teatro Aberto, Semicúpio (*Guerras do Alecrim e Mangerona*) no Acarte, Teatro da Trindade e Teatro Nacional D. Maria II (Prémio Bordalo da Imprensa 2000 para Música Erudita), Don Alfonso (*Così fan tutte*) com a Orquestra Metropolitana de Lisboa no CCB, Marcello (*La Bohème*) com o Círculo Portuense de Ópera e a Orquestra Nacional do Porto no Coliseu desta cidade, Tom (*The English Cat*) com a Cornucópia e a ONP no Teatro Municipal do Porto e no Teatro Nacional de São Carlos, Guarda Florestal (*A Raposinha Matreira*) com a Casa da Música no Rivoli, Papageno, Ramiro (*A hora espanhola*) e Sumo Sacerdote (*Sansão e Dalila*) na Fundação Calouste Gulbenkian, Yoshio (*Hanjo*) na Culturgest, Arsénio (*La Spinalba*) e Marcaniello (*Lo frate innamorato*) com Os Músicos do Tejo no CCB e Giorgio Germont, Iago e os papéis titulares de *Don Giovanni* e *Rigoletto* com a Orquestra do Norte.

Intérprete de reconhecida versatilidade, Luís Rodrigues apresenta-se também regularmente em programas de oratória, canção orquestral ou música de câmara, e é frequentemente solicitado para estrear obras de música contemporânea. Em todos estes géneros possui já importantes registos discográficos, sendo de destacar a participação nas óperas *La Spinalba* e *Il mondo della luna* gravadas pelos Músicos do Tejo para a editora Naxos.

Marco Alves dos Santos



Licenciado pela Guildhall School of Music and Drama (bolseiro Gulbenkian) iniciou a carreira profissional em 2003. Apresentou-se como solista em Portugal, Espanha, França, Itália, Reino Unido e Alemanha, em papéis como Tamino (*A flauta mágica*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Orfeu (*A Descida de Orfeu aos Infernos*), Duca (*Rigoletto*), Tristão (*Le Vin Herbé*), Leandro (*La Spinalba*) Die Hexe (*Hansel e Gretel*), Gilvaz (*Guerras do Alecrim e Manjerona*), Governor (*Candide*), Ferrando (*Così fan tutte*), Prunier (*La rondine*), Arbace (*Idomeneo*), Tybalt (*Roméo et Juliette*), Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Acis (*Acis and Galatea*), Male Chorus (*The Rape of Lucretia*), Aegisth (*Elektra*), Ottavio (*Don Giovanni*), entre outros. Em concerto destacou-se como Récitant (*L'enfance du Christ*), Evangelista nas Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão Segundo S. João de Bach, a 9.ª Sinfonia de Beethoven, *Messias* de Händel, *Pequena Missa Solene* de Rossini, *Requiem* e *Missa da Coroação*

de Mozart, *Serenata para tenor, trompa e cordas* de Britten, *A Boa Canção* de Fauré e *Te Deum* de Bruckner.

Eduarda Melo



© NELSON D'AVES

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música do Porto e o elenco do CNIPAL em Marselha. Foi galardoada com o 2.º prémio do Concurso Internacional de Canto de Toulouse. É convidada para numerosos festivais na Europa e já trabalhou com maestros como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesu, Antonello Allemandi em prestigiadas casas de ópera (Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa). Em ópera destacam-se os papéis de Soeur Constance (*Dialogues des Carmélites*), Euridice (*Orfeo e Euridice*), Corinna (*Il Viaggio a Reims*), La princesse Laoula (*L'Étoile*), Rosina (*O barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'Italiana in Algeri*), Norina (*Don Pasquale*), Musetta (*La Bohème*), Despina (*Così Fan Tutte*), Erste Dame (*A flauta mágica*), Zerlina (*Don Giovanni*), Dalinda (*Aríodante*) Rinaldo (*Armida*), Stéphane (*Roméo et Juliette*), Frasquita (*Carmen*), Gabrielle (*La Vie Parisienne*), Valencienne (*La Veuve Joyeuse*) e Elle (*A voz humana*).

No âmbito da música contemporânea tem participado em criações de António Pinho Vargas, Nuno Côrte-Real, Luís Tinoco e Nuno da Rocha.

Colabora regularmente com Le Concert de la Loge (Julien Chauvin), Divino Sospiro e Ludovice Ensemble.

Inês Simões



Com o seu timbre inconfundível, rico e luminoso, a soprano *spinto* portuguesa Inês Simões é conhecida pelas suas interpretações de música contemporânea, nomeadamente encomendas de obras operáticas, sinfónicas, eletrónicas e música de câmara, tendo estreado 27 obras. Faz parte do Duo Tágide, cuja programação arrojada abarca repertório do passado e do presente, bem como um espaço dedicado à canção erudita portuguesa. Na temporada 2022/23 viu nascer uma nova colaboração com o flautista brasileiro James Strauss, com o lançamento digital de *Poema* para o Universal Music Group, revelando obras dos últimos 100 anos para esta formação inusitada. Com o Duo Tágide, Inês explorou *O Livro dos Jardins Suspensos* de Schoenberg para os Reencontros de Música Contemporânea em Aveiro. Em novembro de 2024 interpretará pela primeira vez os *Rückert Lieder* de Mahler e *7 Romances sobre poemas de Alexander Blok* de Shostakovich. Com a vinda da maternidade, a voz de Inês abriu-se às possibilidades do repertório para soprano *spinto*, permitindo-lhe focar-se mais profundamente no repertório germânico de compositores como Richard Wagner (os *Wesendonck Lieder* constam regularmente nos seus concertos), Richard Strauss (com o papel de Salomé adicionado ao seu repertório), e Alban Berg, cuja *Suite Wozzeck*, sob a batuta de Sian Edwards, motivou a sua estreia no Barbican Hall.

André Henriques



É diplomado em Canto pela Escola de Música do Conservatório Nacional (classe do prof. António Wagner Diniz) e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar *Opera Performance* na Royal Welsh College of Music and Drama (onde estudou com Donald Maxwell). Atualmente, aperfeiçoa-se regularmente com Lúcia Lemos. De entre os vários projetos em que participou, destaque para a estreia absoluta d'*A Canção do Bandido* (de Nuno Côrte-Real/Pedro Mexia e encenação de Ricardo Neves-Neves), onde cantou o papel de Macaco, numa coprodução entre o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro da Trindade/Força de Produção, o papel titular de *Don Giovanni* de W. A. Mozart com a Orquestra Metropolitana de Lisboa (direção de Pedro Amaral), as partes de baixo-barítono de *Die Schöpfung* de Haydn na Gulbenkian (dir. Leonardo Garcia Alarcón) e a participação num recital, inserido na série de recitais de *Um Cancioneiro Português*, com João Paulo Santos. Já cantou os papéis como o Baixo de *A Laugh to Cry* de Miguel Azguime no O'culto da Ajuda (dir. Pedro Neves), Bellini Belcanto em *O Anel do Unicórnio*, numa produção do Teatro do Eléctrico, Don Parmenione da *L'occasione fa Il ladro* de Rossini, no Festival de Música de Sintra, Don Alvaro de *A Viagem a Reims*, no CCB, e Officer em *A Penal Colony*, de Philip Glass, no São Luiz Teatro Municipal.

João Merino



Licenciado em Canto pela ESMAE, fez aperfeiçoamento técnico com o tenor Francisco Lázaro, em Barcelona. Foi galardoado com o prémio de mérito da Fundação Eng. António de Almeida. Apresentou-se nas óperas: *A flauta mágica*, *As bodas de Figaro*, *Così fan tutte* e *Don Giovanni* de Mozart; *Il barbiere* e *Il Viaggio a Reims* de Rossini; *Carmen* de Bizet; *La Traviata*, *D. Carlo* e *Rigoletto* de Verdi; *Tosca*, *La Bohème* e *Gianni Schicchi* de Puccini; *Eugene Onegin* de Tchaikovski; *Hänsel und Gretel* de Humperdinck; *Werther* de Massenet; *Oedipus Rex* de Stravinsky; *Maria Buenos Aires* de Piazzolla; *Capello di paglia di Firenze* de Nino Rota e *Evil Machines* de Luís Tinoco e Terry Jones. Em concerto com *Messiah*, de Händel; *Magnificat* e *Oratória de Natal*, de Bach; *Criação* de Haydn; a integral das *Missas* de Mozart; a 9.^a *Sinfonia* de Beethoven; *Stabat Mater* de Rossini; *Requiem* de Fauré; *Oratório de Natal* de Camille Saint-Saens; *Missa n.º 3* de Bruckner; *Carmina Burana* de Orff; *Aventures* de Ligeti, entre muitos outros. Apresentou-se em Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Holanda e Itália sob a direção de C. Costa, C. Soler, E. Nielsen, G. Andreoli, G. Bühl, J. Jones, J. Skudlik, J. P. Santos, L. Koenigs, M. André, M. Jurowski, M. Ortega, R. Massena, O. Hadari, P. Herreweghe, T. Hoffman e X. Poncette. Em cena com A. Teodósio, C. Avilez, C. Gruber, C. v. Götz, E. Sagi, F. Gomes, G. Vick, G. Joosten, J. C. Soler, L. Hussain,

L. M. Sintra, N. Graça-Silvestre, N. M. Cardoso, P. Matos, P. Konwitschny, R. Pais, R. Carsen, S. Medcalf, entre outros.

Tiago Matos



Foi recentemente Guglielmo na ópera *Così Fan Tutte*, de Mozart, no Coliseu do Porto e o sargento Belcore, em *O elixir do amor*, de Donizetti. Participou ainda na estreia mundial de *Mátria* (Fernando Lapa e Eduarda Freitas), sendo Ti Raul e Padre Gusmão. Interpretou ainda as *Songs, Drones and Refrains of Death* de George Crumb com o Remix Ensemble e regressou ao Coliseu do Porto com a Orquestra Filarmonia das Beiras para apresentar *El Retablo del Maese Pedro* (Falla) onde veste a pele de Don Quichotte. Com a Ópera Nacional de Paris, Tiago já foi, entre outros, Fiorello, em *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini; o protagonista de *Don Giovanni*, de Mozart; e, mais recentemente, o muito elogiado Frank, em *Die Fledermaus*, de J. Strauss. Entre outras interpretações, destaque para Le Dançaire e Moralès, em *Carmen*, de Bizet; L'Horloge Comtoise e Le Chat, em *L'Enfant et les Sortilèges*, de Ravel e Mercutio em *Romeu e Julieta* de Gounod. Fundou a Plateia Protagonista Associação, para a promoção da ópera e da música clássica, de onde se destacam os projetos *Ri-te como Jacques* e *Ópera Oh que seca!*. Recentemente gravou para a SONY Portugal, juntamente com Paulo Lapa, o álbum *ALMO & Júlio Resende*, que tem apresentado em concerto em Portugal e Cuba. Futuramente regressará ao TNSC para integrar o elenco da *Trilogia das Barcas*

(Braga Santos) e agora no CCB nesta nova produção de *Maria da Fonte* (Augusto Machado).

António Ignês



Natural de Guimarães, licenciou-se em Teatro – Ramo Atores, na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Iniciou o seu percurso profissional em teatro em espetáculos como *Noite de Reis*, *O livro de Pantagruel*, *A Reconquista de Olivenza*, dirigidos por Ricardo Neves-Neves, tendo sido igualmente dirigido por Miguel Loureiro, em *BOOM!*. Paralelamente, trabalha como assistente de encenação.

Juliana Campos



Tem 25 anos e frequentou o Conservatório de Música de Braga durante oito anos, quatro dos quais integrou a classe de fagote, formando-se, posteriormente, em canto lírico no ensino secundário. É licenciada pela Escola Superior de Teatro e Cinema onde pôde concluir os seus estudos em Teatro (Ramo de Atores) em 2020. Desde o início da sua formação que tem interesse em projetos que conciliem a música e o teatro. Trabalha na Companhia do Teatro do Eléctrico desde 2020, tendo participado

em várias peças como atriz, cantora, instrumentista e assistente de encenação.

Rita Carolina Silva



Formada em canto lírico pelo Curso de Canto da Escola de Música do Conservatório Nacional e mestre em Artes Performativas na Escola Superior de Teatro e Cinema – Teatro Música. Tem trabalhado como atriz e cantora especialmente em teatro e tem desenvolvido trabalho como diretora vocal. Volta a trabalhar com o Teatro do Eléctrico a partir de 2020 como assistente de encenação em *A Voz Humana*, com encenação de David Pereira Bastos e Patrícia Andrade, e em *Cortes de Júpiter*, criação de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo para a 1.^a edição do Laboratório de Ópera Portuguesa do CCB. Já em 2023 participa como intérprete e assistente de encenação e dramaturgia em *Noite de Reis*, encenação e adaptação de Ricardo Neves-Neves que esteve em cena no Teatro da Trindade; em *O Livro de Pantagruel* de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo como intérprete e assistente de encenação e é cocriadora e intérprete em *A Orquestra – um puzzle musical infantil*, espetáculo que circulou em várias localidades algarvias para escolas e público geral. Tem vindo a lecionar desde 2018 a disciplina de Voz e Elocução na FOR Dance Theatre da Companhia Olga Roriz.

JÁ A SEGUIR
21 E 23 JANEIRO 2024

Fidelio de Beethoven

Encenação Georges Delnon
Direção musical Graeme Jenkins
Orquestra Sinfónica Portuguesa
Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Fidelio foi a única ópera de Beethoven e assumiu várias versões – a final, que ouviremos, subiu à cena em 1814 em Viena. É uma ópera com diálogos falados, que espelha a onda libertadora que varreu a Europa depois da Revolução Francesa. Nela canta-se a história do amor e heroísmo de Leonore, que se transveste como Fidelio para poder libertar o seu marido Florestan, preso por motivos políticos.

No final, a justiça e o amor prevalecem. O poder da música e a veemente mensagem de liberdade fizeram com que *Fidelio* tivesse sido, em setembro de 1945, a primeira ópera a ser interpretada em Berlim após a derrota alemã na II Guerra Mundial.

Domingo, 16h

Terça, 19h

Grande Auditório

M/12

Produção proveniente da Stsopper Hamburg

e do Teatro Comunale de Bolonha

Coprodução Centro Cultural de Belém,

OPART/Teatro Nacional de São Carlos

APOIO INSTITUCIONAL



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

PARCEIRO INSTITUCIONAL

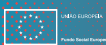


LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



COFINANCIADO POR



MEMBRO ECONOMIA
Plano Nacional de Recuperação